



Data: 09.02.2011

Titulo: O Triunfo da Ciência

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

clipping
consultores

Pág: 1;26;27;28;29

Ano XXX · Número 1053 · De 9 a 22 de fevereiro de 2011
Portugal (Cont.) €2,80 · Quinzenário · Diretor José Carlos de Vasconcelos

Maria de Sousa O triunfo da Ciência

A cientista, e também poetisa, agora distinguida com o Prémio Universidade de Coimbra, fala do seu percurso, das suas descobertas e da investigação em Portugal * Textos inéditos

PÁGINAS 8 A 15

Ainda Sophia Ensaio e testemunhos

PÁGINAS 11 E 12

Yvette Centeno O novo romance

PÁGINA 13

Bruno Pacheco Pintura como contraponto

PÁGINA 36

Área: 3063cm²/73%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3505028



JL/Educação

A polémica do financiamento
do ensino privado e cooperativo

As eleições na Univ. de Coimbra

A avaliação de professores
Uma escola de muitas etnias



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

clipping
consultores

Pág: 1;26;27;28;29

Maria de Sousa
**“A melhor Ciência
está próxima da poesia”**

Área: 3063cm² / 73%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3505028



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:



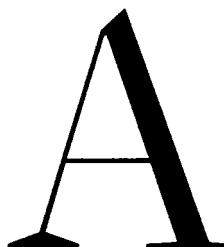
Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;26;27;28;29

Uma vida ao microscópio, uma carreira brilhante na investigação em Imunologia, tanto em Portugal como nos Estados Unidos e em Inglaterra, uma atividade decisiva na criação e coordenação no ensino pós-graduado: a cientista e professora catedrática jubilada Maria de Sousa foi recentemente distinguida com o Prémio Universidade de Coimbra, que irá receber a 1 de março. É mais um reconhecimento de um dos grandes nomes da Ciência em Portugal. Ao JL fala do seu percurso, do estado da investigação no país, mas também da sua relação com a Música e a Literatura e da sua escrita poética, de que junta publicamos alguns inéditos **Texto de Maria Leonor Nunes/Luís Ricardo Duarte**



Assenta-lhe que nem uma luva o imperial adágio *Veni, vidi, vici*, ainda que a sua guerra sempre tenha sido outra. A César o que é de César, mas a verdade é que Maria de Sousa chegou a Londres, em meados dos anos 60, com uma bolsa da Gulbenkian para investigar, viu o que ninguém tinha visto antes acerca da distribuição dos linfócitos e venceu no difícil mundo da Ciência.

A sua descoberta sobre o aparelho imunológico passou aos compêndios e quase meio século depois da publicação dos seus artigos, numa importante revista científica, continua a ser uma referência. “Via muito bem ao microscópio”, diz ela. E poderá julgar-se que se tratou de sorte de principiante. Mas a Ciência não deixa de implicar uma medida de acaso e, em dose dupla, de coragem, para defender aquilo que se pensa, que se descobre, contra tudo e contra todos. E isso nunca lhe faltou. Nem as perguntas que a fizeram “correr” numa carreira de respeito no domínio da imunologia, décadas no estrangeiro, na Escócia, onde se doutorou, e nos Estados Unidos. A partir do meio da década de 80, no Porto, ao abrigo da sua paixão pelo ferro, para prosseguir a sua investigação, nos doentes com

hemocromatose. Foi investigadora e professora catedrática do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e diretora do departamento de Genética Humana do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC), e integrou a Junta Nacional de Investigação Científica. Criou o mestrado em Imunologia e coordenou o Programa Doutoral Graduado em Biologia Básica e Aplicada, GABBA. E ainda que confessasse não gostar de dar aulas – dedicou-se essencialmente ao ensino pós-graduado e aposentou-se recentemente –, fundou uma verdadeira “escola” na investigação em Imunologia em Portugal.

A sua descoberta inicial passou a livro, no relato dos dias da investigação de June Goodfield, em *Um Mundo Imaginado*, mas da sua lavra saíram obras científicas sobre a circulação dos linfócitos. E outros livros poderia ainda dar à estampa, porque além de não poder viver sem poesia, também escreve poemas, textos a que displicentemente chama “desabafos”. Toca, literalmente, outras teclas. E não fora o desejo de saber sempre mais e talvez tivesse sido pianista. Ou matemática, honrando o zero que tanto lhe deu voltas à cabeça na aula da professora Fausta, da escola do Dafundo, em Lisboa, onde nasceu e cresceu. Porém, por mais que a vida seja para ela “macroscópica”, teve mais olhos para o microscópio.

Maria de Sousa, 71 anos, foi

distinguida com o Prémio da Universidade de Coimbra. Mais um, a juntar ao Prémio Bial de 1994, à Medalha de Ouro de Méria Científico e o Prémio Estímulo Ciência à Excelência, entre outras distinções. Mas com o “sabor” do reconheci-

mento, não só da relevância do seu percurso de cientista, mas da transformação que a ciência teve no país, como afirma, e de que é por certo uma protagonista.

A muito soube a entrevista que marcou para S. Pedro de Moel, a meio caminho para o Porto. Previamente, tinha encomendado os “bifes especiais” no Café Central, do sr. António, que lhes juntou as favas de entrada, o pão acabado de sair do forno, o gelado de rum e passas e os pastéis de nata ainda quentes. Ementa bem a gosto da investigadora, para uma longa conversa em que Maria de Sousa, incisiva, por vezes irónica e sempre jovial, disse da sua ciência.

Jornal de Letras: Não deixa de ser surpreendente que tenha marcado a entrevista num Café de S. Pedro de Moel, à volta deste bife especial, numa horas que reservou para si própria, como uma área de descanso na viagem para o Porto, entre relatórios e telefonemas pelo impacto do Prémio da Universidade de Coimbra. Não é daqueles cientistas que vivem encerrados no laboratório?

Maria de Sousa: Também tenho essa preocupação com o que faço, com as minhas perguntas. E não há maneira de lhes tentar responder sem uma grande concentração, sem nos focarmos muito no que estamos a investigar. Mas seria uma pessoa necessariamente mais pobre se apenas tivesse essa componente. Se um investigador estiver aberto a outras “lições” da vida, irá beneficiar disso no que faz.



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;26;27;28;29

É o seu caso?

Na verdade, sempre estive aberta a tudo o que me rodeia. Agora estou a apreciar um pouco de um bom vinho *Chamé*, que o sr. António me encorajou a beber, neste almoço, mas amanhã vou estar todo o dia numa reunião, que me vai exigir a tal brutal capacidade de concentração dos cientistas. E à hora do almoço, talvez vá telefonar a um colaborador que está a fazer umas experiências no IBMC, que me interessam muito e que talvez já tenham resultados.

Efetivamente, faço muitas coisas e diferentes, mas como costumo dizer e os amigos acham graça, não sou pluripotencial: é só um neurônio de cada vez.

S. Pedro de Moel é uma escala obrigatória?

Comecei a vir para aqui no primeiro ano de Medicina e quando fui para o estrangeiro vinha sempre cá passar as férias. S. Pedro de Moel era então o meu país. É dos sítios que conheço no mundo com um dos mais bonitos trechos de costa. Continua a ter as suas pequenas casas. É de um enorme sossego e não muda, embora isso possa não ser hoje muito atraente para a maior parte das pessoas.

Para si, é?

Se uma pessoa contribui, com a sua vida, para a mudança, ela própria precisa de coisas que não mudem.

Curiosamente, associamos imediatamente a ideia de evolução à Ciência. Pensamos muito na evolução, mas há coisas que efetivamente não mudam.

O ADN tem a mesma estrutura em todas as espécies, a porfirina, o anel da hemoglobina, tem a mesma estrutura da clorofila. Só o metal é diferente, no caso da hemoglobina é o ferro, uma das minhas paixões. Há de facto coisas que não mudam, para que outras possam evoluir.

DESEJO DE SABER MAIS

Quando se apercebeu da sua "queda" para a Ciência?

Não posso dizer que um dia soube que ia ser investigadora. Tenho uma memória má, mas lembro-me de aspectos que estão associados a sentimentos profundos, a coisas que me impressionaram muito em dada altura. E nesse sentido, posso recordar vários momentos em que isso começou a manifestar-se.

Por exemplo?

O primeiro foi na escola primária do Dafundo. Tinha uma professora fantástica, a senhora D. Fausta, que um dia chamou as meninas para um canto e mostrou cinco lápis e perguntou o que aconteceria se multiplicasse por zero. Foi o primeiro grande choque da minha vida. Que magia fazia desaparecer os lápis se os multiplicássemos por nada? É terrível para uma criança. Mas foi muito importante para mim esse primeiro contacto com o abstrato. Um outro ponto foi já na Faculdade de Medicina, em que tínhamos umas aulas de Anatomia Patológica com o prof. Jorge da Silva Horta.

Foi um professor determinante?

Sim, eram umas aulas fantásticas em que analisava os relatórios das autópsias em comparação com o que os grandes clínicos pensavam. E por vezes, verificava-se na autópsia que as pessoas não tinham nada daquilo que tinham pensado. Começou então a tornar-se subtilmente evidente que nós sabemos muito pouco.

E esse é um bom princípio para querer saber mais?

A noção de que se sabe pouco é realmente muito importante. Outro professor, Juvenal Esteves, que era dermatologista, também foi fundamental. Quando ele perguntava aos

alunos o que estavam a ver e eles respondiam que a pessoa tinha uma alergia, ele passava-se e dizia que na verdade não estavam a ver uma alergia, mas uma mancha vermelha, e que era preciso aprender a descrever o que se via. Foi uma lição fantástica. Depois, houve outra mais real.

Como?

É que víamos doentes a quem não tínhamos nada para oferecer. Só

antibióticos e cortisona. Tudo isso foi tornando evidente que era preciso saber mais. E ainda mais num país em que as pessoas estavam conformadas com aquilo que não se sabia. Vivia-se numa ditadura e só era possível tentar mudá-lo sendo um revolucionário político, e eu não tinha essa constituição, nem a minha família, ou fazendo investigação. No fundo, cresci no desejo de saber, percebendo que aquilo que não se sabe é infinitamente superior ao que se sabe e que é pouco, ainda hoje, mesmo que se saiba mais do que nesse tempo.

O que a levou a seguir Medicina?

Eu gostava muito de Matemática.

A magia do zero teve os seus efeitos?

Pois foi. Era muito boa aluna, mas há uma fase na vida das pessoas, em que temos o sentimento de querer fazer alguma coisa que seja socialmente útil. A Matemática era um grande prazer pessoal, mas não servia a ninguém. E decidi que queria fazer Medicina, para grande desgosto da minha mãe.

Entretanto, aprendeu piano. Alguma vez pensou seguir uma carreira de intérprete?

Comecei muito pequena. Talvez tivesse uns quatro anos. Porque



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;26;27;28;29

tinha um namorado, com uns seis, e a madrinha ensinava-o. E eu, por raiva, também quis aprender. Depois vim a tocar melhor do que ele. E fui por ali fora. Ainda comecei a fazer o Conservatório, mas não acabei. Porque o meu professor queria que só tocasse e eu já desejava fazer outras coisas mais úteis.

Deixou completamente o piano?
Fui tocando, mas agora muito pouco.

Mas continua sempre a ouvir música.
Nem sei como é possível viver sem música. Costumava dizer a uma técnica que trabalhava comigo que quando eu me zangasse muito, devia ter à mão um spray de Bach para me acalmar...

BOA OBSERVADORA
Não chegou a exercer Medicina?

“

É assim mesmo que se faz uma descoberta, vendo o que os outros não veem

Nunca. Começava então a desenhar-se o Instituto Gulbenkian de Ciência e fui contactada para ser investigadora e achava-se que quanto menos Medicina se fizesse, melhor. Pouco depois, fui para Londres, com uma bolsa.

Estava-se então no princípio da década de 60, num país fechado e com mentalidades muito conservadoras. Não teve problemas ao seguir uma carreira de investigação, até pelo facto de ser mulher?
Na altura não pensei nisso, mas claro que não era fácil. Percebo-o,

quando hoje olho para trás.

Mas não teve entraves, não sentiu resistências por exemplo da parte dos seus pais?

A minha mãe não gostou particularmente que me fosse embora. Isso não estava nos cânones dos anos 50, não estava previsto que uma filha única fizesse o que eu fiz, contra tudo e contra todos. O que se esperava é que casasse e tivesse filhos. E eu até tinha namorado, mas deixei tudo. Hoje é bem mais fácil.

Em Londres, teve dificuldades?

Tive muita sorte. Fui trabalhar para um laboratório e fiz logo uma descoberta.

Como é que se faz uma descoberta?
As vezes, eu própria me perguntei hoje como é que vi logo aquilo. Quando acabei o curso de Medicina, havia a possibilidade de fazer uma tese em clínica ou em investigação, escolhi a segunda e com uma pergunta específica sobre a inflamação nos brônquios e até que ponto se ligava com o carcinoma *in situ*. Trabalhei com o prof. Cortés Pimentel e percebi logo que tinha uma grande capacidade de ver bem ao microscópio. Quando cheguei a Londres, isso tornou-se ainda mais evidente. As senhoras com quem fui trabalhar tinham muito material para ver ao microscópio e encarregaram-me disso, já que não sabia fazer mais nada, nem pegar nos ratinhos, nem matá-los. E como eu via realmente bem ao microscópio, reparei que era diferente o corte dos animais que tinham timo e daqueles que não tinham. A princípio, nem acreditaram.

Porquê?

Ora vinha uma portuguesita, ainda por cima formada em Medicina, que os grandes investigadores não respeitavam muito, dizer que havia ali uma

diferença. Mas eu insisti, pedi que me dessem amostras para analisar completamente às cegas, sem saber a origem, e continuei a identificar a diferença. Depois, fizemos experiências específicas. E foi assim que fiz uma descoberta. Percebi depois que tinham resistido a acreditar, porque já muitas pessoas famosas tinham olhado aquele material e não tinham visto nada. É assim mesmo que se faz uma descoberta, vendo o que os outros não veem. Ou indo onde os outros não foram, como aconteceu nos nossos Descobrimentos. O princípio é o mesmo.

Sabia interpretar bem o que via?
Não. Via. Sou uma boa observadora e não apenas ao microscópio.

UMA DESCOBERTA DURADOURA

Em que consistia concretamente a sua descoberta?

O timo é uma glândula e na altura discutia-se se todos os linfócitos vinham ou não do timo. E eu vi que não. Foi essa a contribuição, exposta no artigo que publiquei em 1966, com uns desenhos que fiz, em que se assinalavam as zonas onde não vi linfócitos, mas uns buraquinhos...

E continua a ser uma referência mais de 40 anos depois.

Isso é extraordinário. Na altura, eu ainda nem tinha 30 anos e achei que era o máximo. A minha descoberta foi reconhecida, entrou nos livros de texto e eu acabei por fazer quase toda a minha vida de investigação no estrangeiro. Hoje, há novas tecnologias, marcadores de células, e o modo como o fiz já não interessa, mas fico realmente surpreendida porque bate tudo certo com o que eu vi com esses meios.

Fez grande parte da sua carreira no estrangeiro porque na altura seria impossível fazê-lo em Portugal?



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

clipping
consultores

Pág: 1;26;27;28;29



Maria de Sousa Cresci no desejo de saber, percebendo que aquilo que não se sabe é infinitamente superior ao que se sabe

Um amor assim como o saber

Um amor
Como uma árvore
Como a árvore de todas as manhãs
Como uma flor
Como a flor de todos os
pensamentos
Como uma mesa
Como a mesa de todas as refeições
Como o quarteto, a flauta índia
O coro russo
O prelúdio
A fuga
O trio
Como todas as coisas que não se
consumem numa noite
Mas estão lá todos os dias ao
acordar
Como todas as coisas que não
crescem de um prazer fugaz
mas que acompanham a expansão
[do universo
na madrugada de todos os tempos
na madrugada do futuro ele próprio
Como a semente da árvore que vai
[crescer
sem saber
quatro mil anos,
das mãos do homem que o sabe
[ao plantá-la.

Um amor assim
Como o saber

Nota fúnebre para Sofia

À terra o corpo
Ao mundo o verso

Entre nós murmúrios, pranto
Calado para sempre o canto.

Área: 3063cm² / 73%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3505028



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 1;26;27;28;29

Completamente. Depois de Londres, ainda vim cá uns meses, e trabalhei no Instituto Gulbenkian de Ciência, que era praticamente o único que havia. Mas recebi muitos convites, e acabei por ir embora

Para a Escócia?

Sim. Uma das pessoas com quem trabalhei em Londres foi para Glasgow e convidou-me. Foi uma experiência fantástica.

Continuou a sua investigação na área da imunologia?

Sempre na área do timo e depois houve coincidências e acasos extraordinários. Um investigador do Instituto de Genética de Edimburgo, que começou a estudar um animal e descobriu que não tinha timo, o que constituiu um modelo natural para eu poder ver se tinha ou não as tais células. E não tinha. Isso foi muito importante. Depois, demonstrei que as células tinham a capacidade de irem para as suas "casinhas" e chamei-lhes ecotaxis. Defini esse fenômeno. Fui realmente muito feliz na Escócia.

Apenas pelos bons resultados do trabalho?

Também pelo sítio, pelas pessoas, que gostavam muito de mim. A vida é mais larga do que o microscópio. É macroscópica.

Também foi feliz em Nova Iorque?

Foi um amigo meu que foi para Nova Iorque dirigir o Instituto do Cancro que me convidou e aceitei, também porque já estava um pouco farta de trabalhar com ratinhos. Fui numa sabática e podia trabalhar com modelos humanos. Estive lá dez anos. Na altura, pensava-se que a Doença de Hodgkin estava associada a uma imunodeficiência. Quer dizer, as células que se retiravam do sangue desses doentes não respondiam imunologicamente. Eu tinha entretanto

publicado um livro sobre a circulação dos linfócitos e a pergunta que me fiz foi se essas células não existiriam mesmo ou se simplesmente estariam noutro lugar. Estudei esses doentes e verifiquei que assim era, as células estavam no sítio errado. Mas ninguém ligou nenhuma.

Era então muito difícil divulgar e fazer aceitar uma descoberta? Em contrapartida, hoje há constantes notícias dos mais variados avanços. Há até uma maior projeção do que a realidade. Os institutos têm bons relacionamentos públicos que são capazes de promover coisas de que por vezes ainda não se tem a certeza. Porque só o tempo o pode confirmar.

CORAGEM DE FERRO

Como surgiu aquilo a que chama a sua "paixão" pelo ferro?
Uma vez que verifiquei que era falsa a imunodeficiência na Doença de Hodgkin e que as células iam para outro sítio, a pergunta seguinte foi exatamente porquê. E é aí que entra a história do ferro. Pensei que talvez os linfócitos fossem para sítios onde normalmente há ferro. E comecei a

interessar-me pela interação entre os dois sistemas. E há uma doença genética em que se verifica uma anomalia de acumulação de ferro, a hemocromatose. Queria estudar o aparelho imunológico nesses doentes, mas não era fácil em Nova Iorque, onde há uma população muito instável.

Veio encontrar esses doentes no Norte de Portugal?

Sim, entretanto houve a revolução, começou a existir o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto. E efetivamente fui para o Porto para estudar a hemocromatose.

Quer dizer que a carreira de um cientista é um misto de acaso e oportunidade?

E de muitas coincidências. Sobretudo

de coragem. Essa é a qualidade mais importante, como costumo dizer.

Coragem?

De seguir as suas ideias e perguntas, contra a mãe, contra o pai, contra a sociedade. E segui-las para um lado e para o outro. Por isso não casei, porque se tivesse um marido, ou ele me acompanharia ou então como poderia seguir a minha investigação?

A ciência é nesse sentido um sacerdócio, uma entrega total?

É inevitável. É sempre uma escolha. E o que pensamos só é interessante para a comunidade científica se houver depois coisas que o confirmem. Por exemplo, quando eu falava das questões imunológicas na hemocromatose era esquisito, mas quando em 1994 se descobriu que o gene da doença era do sistema imunológico deixou de ser. Perceber isto é muito importante sobretudo para os mais novos, porque se pensamos numa coisa que está muito distante do que é aceite, é preciso termos uma enorme coragem para insistir na sua validade. E é preciso sorte.

Alguma vez se arrependeu de ter escolhido a Ciência, abdicando de uma vida familiar?

Não. Fiz essa escolha definitivamente quando tinha uns 30 anos. Tinha um namorado e decidi não casar, sabendo que dessa maneira não iria criar uma família, ter filhos. Quando se faz uma escolha, é também preciso coragem. Não andei a pensar nisso com pena. Só uma vez, quando uma grande amiga minha me disse que ia ser avó, deli conta que nunca tinha pensado que eu não iria ter netos. Foi engraçado. Mas na verdade tive a sorte de ter um "menino", que hoje tem quase 50 anos, o historiador José Horta. Os pais disseram que se voltassem a ter um filho seria meu



Data: 09.02.2011

Titulo: O Triunfo da Ciência

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

afilhado. E a mãe morreu quando tinha uns 15 anos, portanto é o meu “filhoado”. E, de alguma maneira, acabei por constituir uma “família” com os jovens investigadores.

E ao correr dos anos foram muitos os que formou.

Muitos. Só no programa que fizemos no Porto, com o prof. Sobrinho Simões, e outros colegas das Faculdades de Medicina e Ciências, tivemos 91 doutoramentos, desde 2006. Mas são muito mais, porque ainda há aqueles que orientei noutras situações, mais de cem por esse mundo fora e que estão a trabalhar em diversos países.

UMA ESCOLA DA IMUNOLOGIA

Foi uma verdadeira “escola” que criou na Imunologia?

E isso é muito importante em Portugal, onde não se fazem “escolas”. E são investigadores muito bons, porque na verdade, não há boas escolas, há bons estudantes.

Em que sentido?

O que faz uma boa escola são os alunos. Na verdade, no nosso programa, que tem uma direção colegial, selecionamos as entradas por entrevista. Se a escolha for certa, eles vão ser muito bons e o programa é bom.

Mas naturalmente já se candidataram também porque o programa é internacionalmente considerado de excelência.

Entre 2004 e 2010, tivemos 852 candidatos. Entrevistámos todos. Mas desde 1996, altura em que o programa foi criado, foram muitos mais

Esses números traduzem de alguma maneira o desenvolvimento da

investigação científica no país?

Sem dúvida nenhuma. E temos que escolher 12 entre muitos e muito bons. Há uma grande qualidade na nova geração de investigadores.

São exceções? Porque parece algo paradoxal, tendo em conta que se apontam sistematicamente problemas do ensino, facilitismo, etc.

O que parece é que não somos capazes de fazer mobilizar o país para o seu melhor. Quando ouvimos, por exemplo, o discurso do presidente Obama, até temos vontade de ser americanos. É um presidente que mobiliza as pessoas para serem boas na educação, na inovação, na investigação. Falta-nos essa mobilização, porque somos bons nisso. E penso que uma grande modificação no país, nos últimos anos, que toda a gente reconhece, é justamente a qualidade da Ciência. E quer queiram, quer não, isso vai dar ao Mariano Gago.

Mas há muitas críticas, desde a apostila nos computadores nas escolas ao facto de os investigadores terem de ir trabalhar para outros países, porque aqui não há condições.

Bom, a verdade é que houve uma mudança radical no país, não só na Ciência, mas noutras domínios.

Quais?

Na música, no teatro, nos museus. A qualidade está a rebentar por todos os lados e há gente nova muito capaz. A questão é que apenas se fala do futebol. Só conhecem o Ronaldo. Quantos conhecem a Maria Manuel Mota? Um país com gente tão capaz, tem futuro. Mas as pessoas não se sentem valorizadas e pelo que ouvimos constantemente parece que somos uns coitados. Eu acho que

Portugal é um grande país.

Deu recentemente a sua última lição, na Faculdade de Medicina do Porto. Sobre o que refletiu?

Sobre a responsabilidade do universitário e do investigador na sociedade. Sobre o ensino que parodiei com a expressão i.learning [com o i a valer de insatisfação].

A docência universitária marcou muito o seu percurso?

Nunca gostei de dar aulas. Gosto de ser orientadora de projetos de investigação, das relações de um para um e não em grandes grupos. Ajudar alguém a conhecer-se e a crescer dá muito trabalho e só consigo fazê-lo com uma ou duas pessoas de cada vez. Nem consigo trabalhar com grandes equipas.

Mesmo sem gostar de dar aulas, o que gostaria que ficasse do seu “mystério”?

Pessoas com uma formação científica e a capacidade de serem o melhor de si próprias no que quer que escolham vir a fazer.

AS PALAVRAS QUE FICAM

Além da Ciência e da Música, há também a Literatura. E não é apenas uma consumidora...

Também sou uma “contribuidora”. Escrevo umas coisas ocasionalmente, quase sempre em inglês.

Poemas?

Não lhes chame poemas. São textos descritivos, de coisas que acontecem. Parecem poemas talvez porque nesse aspecto as pessoas em Portugal não são muito exigentes. Uma amiga minha, uma editora americana, cha-



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;26;27;28;29

ma-lhes *cris de cœur*. E é isso que são, desabafos.

Quando escreve?

Quando tenho tempo, quando há uma emoção forte, mas isso não faz de mim poeta.

E ficção?

Não sei escrever ficção. Nem ler. Não gosto nada. Ponho toda a minha ficção na ciência.

A Ciência não está separada da Literatura.

Nem pode estar. Se temos uma aproximação ao mundo com alguma profundidade e sensibilidade, sabe-se que o que vai durar são as palavras. E quem faz ciência, sabe que o que faz é transitório. E há alguma sede de perdurar. Só se sabe o que não se sabe. Vai-se sabendo algumas coisas, mas podem durar ou não. Mas uma coisa que escrevemos, fica.

Sobretudo se forem publicadas.

Não pensa publicar o que escreve? Isso é outra coisa. Deixo-o para

“

Um país com gente tão capaz, tem futuro. Mas as pessoas não se sentem valorizadas

a minha condição emérita. Por enquanto, não tenho tempo. Tenho muito que fazer e tenho o tal problema do neurónio.

Quem são os seus poetas de eleição?
Auden e Pessoa. Sem Auden, não posso viver.

A poesia pode “inspirar” a ciência?
A melhor ciência é aquela que se aproxima da poesia.

Em que sentido?

Faz-se investigação para saber, por exemplo, por que razão o vinho está no copo, pequenas coisas que vão constituindo o edifício do conhecimento. E de repente, chega um tipo como Einstein, que muda o mundo pela sua percepção de uma coisa. É uma criatividade tão forte que se aproxima de um ato poético. Ai fica como uma palavra, como um verso de Shakespeare.

UMA MUDANÇA RADICAL

Já tinha recebido outros prémios importantes: que significado tem para si neste momento o da Universidade de Coimbra? Este Prémio da Universidade, como o Seiva, dado pela Seiva Trupe, tiveram como primeiro significado a experiência de uma grande surpresa. Mas enquanto o Prémio Seiva distinguiu uma cientista na sua cidade, o Porto, a Universidade de Coimbra distingue uma universitária inves-

tigadora num país diferente, muito diferente daquele a que eu cheguei em 1985. Portanto, para mim, tem sobretudo o sabor de um Prémio que distingue a modificação radical de um país no que respeita à qualidade da investigação feita nas universidades.

Como vê o atual estado da investigação científica em Portugal?
Só posso falar do atual estado das Ciências da Saúde. O que vejo é que temos muito bons investigadores e muitos bons investigadores portugueses fora e dentro de Portugal. O que creio que sentimos todos é que estamos a ficar atrasados na qualidade dos equipamentos que temos. E sem instrumentos não pode haver respostas competitivas a nível mundial, por melhores que sejam as perguntas.

É uma otimista, mesmo nestes tempos de pessimismo e de crise?
Curiosamente não me considero uma otimista, mas uma realista com uma formação científica treinada a

ver coisas ao microscópio. A realidade, como disse, é que Portugal teve uma política de formação científica brilhante: com os milhares de bolsas que deram a milhares de jovens a oportunidade de se saberem ou não investigadores, com a criação de novos institutos de investigação e, sobretudo, com a implementação rigorosa de avaliação externa de projetos de investigação. Porque muitos dos nossos doutorandos fizeram os seus doutoramentos fora de Portugal, temos também excelentes ligações a excelentes laboratórios. Um problema é que “a crise” está a afetar o financiamento da Investigação científica em muitos países europeus.

Isso vai ter reflexos no nosso país?
Em tempos de razão para pessimismo na Europa, veremos provavelmente muitos jovens investigadores portugueses irem para os Estados Unidos. Eu também fui: nem morri, nem desapareci. Cá estou, mesmo nunca esperando vir a estar. Imagine com um Prémio que me é atribuído ao que tudo indica pelo que fiz também pela vida científica portuguesa e sua repercussão internacional. Em tempos de pessimismo e de crise, outros irão e virão, e continuarão ligados a grupos em Portugal, e comprará casa em Portugal à beira-mar, e trarão netos aos avós, etc. O mais importante é que os temos em números como nunca tivemos na História da Ciência portuguesa. Não podemos deixar de ser otimistas também porque muitos jovens cientistas portugueses vão estar insatisfeitos.

Porquê?

Porque vão estar dispostos a lutar pela mudança. Nada melhor num país. Gente insatisfeita que se manifesta com a segurança que a sua insatisfação será respeitada pelos seus pares. Quem nos dera que assim fosse em todas as esferas de atividade. JL



Data: 09.02.2011

Título: O Triunfo da Ciência

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;26;27;28;29

Inéditos Este nosso tempo: cimeira da NATO em Lisboa

Na mesa a natureza deste nosso tempo. Queijo da Serra, manuscritos, restos da República, a evolução da célula vermelha, Virgínia Wolf, teses, Oxford, Heidelberg, palavras vindas do deserto em Israel em tempo real (haverá tempo que o não seja?). Príncipes suecos. Azuis. Revisões. Shostakovich à hora em que o presidente russo chegará a Lisboa. Plano estratégico. "Road map for the next ten years". Como se as ameaças não pudessem vir a mudar mais rapidamente que as

intenções. Shostakovich. Shostakovich em Leipzig em 1959, em Julho de 1950 na celebração dos 200 anos da "morte" de Bach. Mais 6º em 2010. Vivem todos os Prelúdios. Mortos todos os seus compositores. Esquecidos os imperadores. Só sabidos bem os presidentes que chegam hoje ou os que deixaram maravilhosas palavras escritas. Este nosso tempo. Impossível de antecipar mesmo há 10 anos. 2001 transformaria a nossa percepção da imensidão e da imaginação

das ameaças. Pelos mesmos instrumentos que nos trazem palavras dos oásis em tempo real. Da palavra impressa. Dos pequenos objectos alinhados à janela como um pequeno exército trazendo em cada um a identidade de "um cada outro" ... People and places. Pessoas e lugares. São Pedro. Seiva Trupe. Leipzig. Veneza. Sloan Kettering: Cell Ecology. A lot of Sweden. Shostakovich, as the Russian President arrives. A transitória hora da chegada e da partida dos presidentes. Ficam para sempre Bach, Shostakovich e os Prelúdios. E a pergunta: de que lado quererá ela ficar? Do lado das palavras, que espera, virão a durar. Como estas, quando outros as vierem a encontrar. Não somos nada se não nos encontrarem. ■



Maria de Sousa "Portugal teve uma política de formação científica brilhante"

Área: 3063cm² / 73%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3505028